

O VOCABULÁRIO DO “CAPIM DOURADO” – CULTIVO, EXTRAÇÃO E MANUSEIO – UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

The vocabulary of "Campim Dourado" - growing, extraction and handling - a lexical-semantic study

El vocabulario del "Capim Dourado" - cultivo, extracción y manejo - un estudio léxico-semántico

Lucian Rufo Barbosa^{*1}, Greize Alves da Silva²

¹Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Brasil.

¹Professora Assistente II, Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Brasil.

*Correspondência: Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Rua 03, Quadra 17, Lote 11, s/n° Setor, Jardim dos Ipês, Porto Nacional, Tocantins, Brasil. CEP: 77500-000. e-mail:

greize_silva@yahoo.com.br

Artigo recebido em 16/10/2017 aprovado em 24/02/2018 publicado em 28/02/2018.

RESUMO

Uma das preocupações da Linguística Moderna é desvendar a complexidade das línguas utilizadas por diferentes povos e suas variações em três aspectos: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. Dentro desses contextos, o que mais transmite as características socioculturais na língua é o léxico, que pode ser definido como: o repertório de palavras existentes numa determinada língua, que expressa a recorrência de um povo na busca por termos que designem seus referentes; trata-se de um componente da língua que, inicialmente, representa a realidade e conserva o saber linguístico de uma comunidade. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo descrever e analisar o vocabulário utilizado no cultivo, extração e manuseio do capim dourado na comunidade quilombola de Mumbuca, Jalapão, sob o olhar da Lexicologia, da Lexicografia e da Dialectologia. A pesquisa coletou dados *in loco* junto a oito artesãs, que na comercialização deste produto extraem sua principal fonte de renda. Assim, após coletados, os dados foram transcritos e analisados para compor o vocabulário do Capim Dourado. Com este trabalho, tivemos o intuito de auxiliar na descrição do caráter multidialetal tocantinense e, sobretudo, brasileira.

Palavras-chave: Léxico; Capim Dourado; Vocabulário.

ABSTRACT

One of concerns of Modern Linguistics is to unravel the complexity of the languages used by different people and their variations in three aspects: phonetic-phonological, lexical-semantic and morphosyntactic. Within these contexts, what more transmits sociocultural characteristics in the language is the Lexicon, which can be defined as: the repertoire of words that there is a certain language and expresses the recurrence of a people in search of names for terms that designate their referents; This is a language component that initially represents the reality and preserve the linguistic knowledge of a community. Thus, the present study aimed to describe and analyze the vocabulary used in the cultivation, harvesting and handling of "capim dourado" (golden grass) in the Maroons community called Mumbuca, Jalapão, from the perspective of Lexicology, Lexicography and the Dialectology. The survey has collected data in loco with eight artisans, that in the marketing of this product derive their main source of income. Therefore, after collected data, they were transcribed and analyzed to compose the vocabulary of Capim Dourado. With this work, we intended to assist in the multidialetal character description of Tocantins and Brazil, mainly.

Keywords: Lexicon; Capim Dourado; Vocabulary

RESUMEN

Una de las preocupaciones de la Lingüística Moderna es desvelar la complejidad de las lenguas utilizadas por diferentes pueblos y sus variaciones en tres niveles: fonético, semántico-lexical y morfosintático. En estos contextos lo que más transmite las características socioculturales en la lengua es el léxico, que puede definirse como: el repertorio de palabras que existe en una determinada lengua y expresa la recurrencia de un pueblo en la búsqueda de términos que designen sus referentes; se trata de un componente de la lengua que representa la realidad y conserva el saber lingüístico de una comunidad. El presente estudio ha tenido por objetivo describir y analizar el vocabulario utilizado en el cultivo, extracción y manejo del pasto dorado en la comunidad quilombola de Mumbuca, Jalapão, bajo la mirada de la Lexicología, de la Lexicografía y de la Dialectología. La investigación recolectó datos in loco junto a ocho artesanas, que en la comercialización de este producto sacan su principal fuente de ingresos. Así, después de recolectados, los datos fueron transcritos y analizados para componer el vocabulario del Capim Dourado. Con este trabajo hemos tenido el propósito de auxiliar en la descripción del carácter dialetal del Tocantins y, sobre todo, brasileña.

Palabras claves: léxico; Capim Dourado; vocabulario

INTRODUÇÃO

Dentre os três níveis linguísticos: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfosintático, o que mais imprime as características socioculturais na língua é o Léxico, pois se trata do repertório de palavras que expressa a recorrência de um povo na busca por termos que designem seus referentes. Diante dessa importância, o presente estudo tem por objetivo descrever e analisar o vocabulário utilizado no cultivo, extração e comercialização do Capim Dourado.

O Capim Dourado é uma arte trazida, provavelmente, pelos índios Xerente e aprendida pelas comunidades quilombolas de Mumbuca, Jalapão, Tocantins, em meados de 1920 e, desde então, é repassada a cada geração, constituindo importante fonte de renda para as famílias da região. *Syngonanthus nitens* é o nome científico do capim dourado; são pequenas hastes douradas que são costuradas com a fibra de outra importante planta da região: o buriti. Por se tratar de uma planta típica das veredas; colhe-se entre 20 de setembro até o mês de novembro, o início das chuvas no norte do país. A fonte de renda predominante no Jalapão gira em torno da produção do artesanato do capim dourado e,

atualmente, a arte vem sendo comercializada para os seguintes países: França, Alemanha, Espanha, Itália, Áustria, Suíça, Portugal, Grécia, Estados Unidos, Japão, Honduras, México e Porto Rico.¹

O *corpus* do trabalho constitui-se de registros orais coletados no Povoado do Mumbuca, município de Mateiros, junto a informantes jalapoeiros, residentes nas regiões de cultivo e também artesãs que buscam nesse trabalho sua fonte de renda. Assim, por meio da apreciação do material coletado, analisamos o repertório vocabular utilizado no cultivo do capim dourado e, com isso, descrevemos a riqueza cultural e linguística da região.

O objetivo geral do trabalho foi descrever e analisar o vocabulário utilizado no cultivo, extração e comercialização do capim dourado, visando um diagnóstico acerca do vocabulário (palavras, expressões, etc.) do povo da região do Jalapão – TO, em meio à cultura deste artesanato. Também fizeram parte dos nossos objetivos verificar se há influência da língua xerente, ou outras línguas indígenas presente nesse vocabulário, uma vez que o domínio da técnica de trançamento do capim pertenceu, primeiramente, aos índios.

Além disso, foi também intenção averiguar se

¹ Trabalho desenvolvido enquanto bolsista de iniciação científica (IC-UFT), da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional

há remanescentes de traços de africanismos presentes no léxico desse artesanato, uma vez que a comunidade de Mumbuca é reconhecida pela Fundação Palmares como remanescente Quilombola, cujos fundadores são provenientes da Bahia, em 1909, fugidos da grande seca.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a comunidade que serviu de base para o nosso estudo: Mumbuca, localizada no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. Após, descrevemos os passos do trabalho e as vertentes teóricas utilizadas no estudo.

Nas análises usados os dados coletados e as descrições fornecidas pelas informantes sobre o léxico do capim dourado. Durante algumas entrevistas, coletamos algumas cantigas da região e julgamos importante analisá-las também. Por fim, apresentamos nossas considerações finais

O POVOADO DE MUMBUCA – JAPALÃO E OS PASSOS DA PESQUISA

Mumbuca situa-se na região do Parque Estadual do Jalapão, que compreende uma área de 53.340,90Km², a 35 quilômetros de Mateiros, Capital do Jalapão. Trata-se de uma comunidade pequena, que não chega a 200 moradores, composta, pelo menos, por 50 famílias.

A Comunidade de Mumbuca foi fundada por remanescentes de escravos vindos da Bahia, fugidos da grande seca. É considerada ‘Remanescente Quilombola’ pela Fundação Palmares. No povoado há uma (1) escola, uma (1) Igreja Evangélica e um restaurante que serve comida caseira aos turistas.

Foi neste povoado que surgiu o famoso artesanato do capim dourado, conhecido hoje em vários países. Grande parte dos habitantes do Mumbuca, sobretudo as mulheres, tecem o capim

dourado. Na comunidade, homens e mulheres possuem funções específicas: os homens executam o plantio do capim, enquanto as mulheres colhem e desenvolvem outras atividades, como a produção de farinha, bem como o trabalho artesanal do capim dourado.

A COLETA DOS DADOS E O APORTE ANALÍTICO

As leituras foram constituídas por diversas áreas, tais como: Dialetolegia, Lexicologia, Lexicografia e Botânica. Concomitante, elaboramos um questionário composto de 29 perguntas a respeito do cultivo e extração, manuseio e venda do capim dourado, que foi aplicado junto a seis artesãs. A viagem para aplicação dos inquéritos foi realizada em abril de 2013.

Após, fizemos a catalogação do material e transcrevemos as entrevistas, realizadas por meio de questionário estruturado, previamente elaborado. A transcrição dos dados foi realizada digitalmente em Word e quando necessário, recorreremos à transcrição fonética com a fonte SILDOULOSIPA para identificar nuances de pronúncia.

Em seguida, analisamos os dados com o auxílio de tabelas e catalogamos os termos coletados à luz da Lexicologia e Lexicografia. Para descrever as lexias coletadas, recorreremos aos dicionários da língua portuguesa Houaiss (2009) e Luft (2000); também consultamos a obra etimológica de Antenor Nascentes (1955).

No decorrer das análises, coletamos algumas cantigas. Averiguamos que no corpo dessas cantigas havia muitas lexias interessantes para o nosso trabalho, sendo assim, optamos por colocá-las no corpo do texto e analisa-las, mesmo não sendo os objetivos iniciais.

Igualmente importantes foram as obras específicas na área da Botânica, tais como manuais

sobre o cultivo e manuseio do capim dourado. Encontramos o periódico “Informação Goyana”, edições coletadas entre 1917 a 1935 que relatam a história do Jalapão, naquela época pertencente ao Estado de Goiás.

VERTENTES TEÓRICAS

LÉXICO REGIONAL

Nos costumes tradicionais de uma região, no trabalho costumeiro dos moradores de uma comunidade, nas relações sociais do povoado habita uma rica forma de expressão, que faz parte da cultura, do dialeto regional ou rural. Vilela esclarece:

A urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes, a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade e a necessidade em manter a sistematicidade da língua, são as maiores forças que se manifestam no léxico (VILELA, 1994, p. 14)

O citado autor evidencia a necessidade de se estudar essas palavras ou expressões regionais para descrever a riqueza vocabular de determinado grupo social. Neste sentido, os dicionários regionais são fontes importantes para se entender a linguagem configurada de uma região ou comunidade.

Muitas regiões, todavia, ainda necessitam de um estudo acerca de seu linguajar, cujas comunidades ainda não possuem registros de sua fala. Frubel e Isquerdo (2004, p. 153) ressaltam que:

A constituição de dicionários, de glossários e de vocabulários de cunho regionalista pode contribuir para o registro e a descrição de particularidades lexicais, uma vez que possibilita, sobretudo por meio de estudos contrastivos, a verificação de ocorrências ou não de determinadas variantes em diferentes regiões do País (FRUBEL; ISQUERDO, 2004, p. 153).

Há, por parte dos autores supracitados, o intuito de demonstrar a importância de lexicógrafos e lexicólogos na averiguação linguística de muitas regiões, sejam elas rurais, indígenas e ou quilombolas. É preciso, portanto, aprofundar-se nos estudos da língua regional, analisando os registros de brasileirismos e regionalismos. O léxico regional alimenta-se na dimensão dialetológica do nosso país e, sobretudo, nos faz compreender tão abertamente os valores culturais, sociais e econômicos de uma região.

LEXICOLOGIA

Dentre os demais campos da linguagem, a Lexicologia vem sendo uma via necessária no bem entender de uma sociedade, uma vez que por meio desse campo pode-se apreender sobre a cultura de um determinado povo, comunidade ou etnia. A Lexicologia trata do estudo do léxico - o estudo das palavras de uma língua em sua totalidade:

A lexicologia costuma ser definida como a ciência do Léxico duma língua, isto é, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações (VILELA, 1994, p. 10).

Sobrevém, por conseguinte, incluso no léxico da língua uma importância semântica, uma vez que constitui tarefa da Lexicologia descrever e fornecer a compreensão do vocabulário, seja de um povo, de uma sociedade, de uma região ou de uma comunidade. O linguajar e vocábulos próprios podem ser atribuídos em determinada comunidade, por meio da cultura, das tradições e dos diferentes fatores sociais.

Trazemos a Lexicologia como a ciência que estuda o léxico e, nesse campo devemos não confundir, como o próprio Vilela nos esclarece, Lexicologia com Lexicografia. Dubois (1973, p. 367)

define a Lexicografia como “a técnica de confecção dos dicionários e análise linguística dessa técnica”. A Lexicografia é a ciência de confecção de dicionários, o estudo acerca da descrição de uma língua elaborada pelos dicionários – a feitura de dicionários: “Uma obra que registra certa descrição do léxico de uma língua ou de muitas línguas postas em paralelo” (DUBOIS, 1973, p. 186).

No entanto, Lexicologia e Lexicografia não podem ser entendidas como ciências disjuntas, pois com o auxílio do aporte teórico da Lexicologia elabora-se a Lexicografia, ou seja, com o estudo do léxico podemos examinar os dados necessários para a elaboração do dicionário, portanto “todo Lexicógrafo se desdobra atualmente em Lexicólogo” (GENOUVRIER & PEYTARD, 1973, p. 352).

NEOLOGISMO

O léxico pode ser classificado como “o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua” que se constitui no “acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (ISQUERDO, 2001, p. 9). Vale então ressaltar que dentre os estudos do léxico, estão intrinsecamente ligados os estudos neológicos, ou seja, a descrição e análise dos neologismos presentes na língua portuguesa.

A variação linguística entra como importante fator que nos possibilita identificar e analisar os neologismos, graças aos elementos intrínsecos que facilitam e ajudam na detecção dos termos. Ao estudar uma língua, por exemplo, de um povo habitante de uma região quilombola, percebemos o uso de vocábulos usados por eles, mas com significados diferentes. Para melhor entender, Barbosa (2001) nos explica que:

Um vocábulo pode ser criado, por exemplo, numa única região, ficando a ela restrito. Ainda na perspectiva diatópica, pode ocorrer, que um vocábulo pertencente a uma norma regional e exclusivo dessa região, às vezes até um arcaísmo, passe para outra região, se torne conhecido nesta, onde é adotado com função neológica. (BARBOSA, 2001, p. 39)

São constantes as trocas culturais decorrentes dos fluxos do comércio, dos contatos midiáticos e pela difusão da cultura e das tradições. Estamos em total convívio com os neologismos, no dia a dia, ao assistir a um programa de televisão, ao visitar uma família em outro estado, ao lermos um livro, etc., nos permeamos em meio a vocábulos novos, termos antes desconhecidos. O fato é que a língua está em constante mudança, nunca é imóvel.

Isto mostra que a fixidez da língua é apenas aparente. Não há imobilidade. Ela está sempre em mudanças e o componente lexical é aquele que maior passividade dá às alterações permitidas pelo sistema. (MARTINS, 2004, p. 54).

Para se analisar os dados lexicais coletados numa região, convém entender que os neologismos não se prendem apenas a um tipo ou classe. Há, portanto, a neologia fonológica, semântica, sintagmática e alo gênica. A saber:

O *neologismo fonológico* resulta de um novo recorte cultural, instaurado por uma grandeza-signo, constituída de expressão e conteúdo inéditos. [...]

Neologismo semântico é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente. Conserva-se, neste caso, a expressão do signo-base, a qual é atribuído novo conteúdo, correspondente a novo recorte cultural. [...]

Neologismo sintagmático, a seu turno, é produto da derivação e da composição de unidades lexicais. É assim denominado, seja por resultar da integração, em forma de lexia, seja por apresentarem, em sua estrutura, a combinatória lexicalizada de signos mínimos e de vocábulos autônomos. [...]

Neologismo alo gênico, basicamente, como uma unidade lexical nova emprestada de outro sistema linguístico e sociocultural. (BARBOSA, 2001, p. 40-41)

Embora os neologismos fonológico e semântico sejam diferentes, destacam-se como principais e indispensáveis para o estudo neológico de uma língua. E, sendo a língua um recurso sociocultural na qual se exprimem as relações e inter-relações dos falantes, a neologia semântica acentua-se como importante processo, pois, através dela, observamos o contexto e dinâmica do discurso, a “transposição do universo de discurso para outro”, assim, nos diz Barbosa (2001, p. 41), “a neologia semântica parece ser o processo mais frequente e mais produtivo na dinâmica de ampliação e renovação lexicais”.

ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS

Neste capítulo, apresentaremos as lexias coletadas e as descrevemos em forma de verbete. Quando possível, abonamos os verbetes com as descrições fornecidas pelos próprios informantes.

AS LEXIAS COLETADAS (GLOSSÁRIO)

Por meio das entrevistas coletadas, pudemos verificar as seguintes lexias e suas abonações²:

Balaio (balainho): s.m. Peça (utensílio) de artesanato de capim dourado, redondo, usado para carregar frutas, verduras, entre outros alimentos. Sua etimologia é controversa. Nascentes (1955) apresenta o vocábulo como proveniente do latim medieval *balagi*²: restos de trigo ajuntados com a vassoura e recolhidos em uma cesta.

“*Eu faço... balaio, eu faço baú, fazia baú, naquele tempo (inint.) mais baú, eu fazia baúzão, baú... balainho que é o balainho redondo*”.

Bolsa de trança: s.f. Bolsa feita do artesanato do capim dourado, confeccionada com tranças. “*Costuro. Inclusive as bolsa de trança*”.

Cabecinha: s.f. Nome também dado à florzinha do capim dourado, localizada na extremidade da planta. Ao colher o capim é necessário retirar a cabecinha e deixá-la no campo para a reprodução. Do latim *capitulu*: pequena cabeça. “*E às vezes a gente traz alguns molho com cabecinha, né, porque sempre a gente temo decoração... pra usá em casa, mas... pra, assim, armazená muitos com cabeça nós não, deixamos tudo lá no campo*”.

Capim grosso: s.m. Capim dourado mais grosso e crespo, usado para fazer peças artesanais maiores como bolsas, mandalas e chapéus. O termo capim, referência à família das gramíneas, é proveniente do tupi *ka'pii*, 'mato, erva. “*O fino é melhor, o maleável que eu falo é melhor, porque o grosso dá muito trabalho, né. Quebra muito e os fio é mais úmido*”.

Capim manteiga: s.m. Capim dourado mais fino e mole, usado para fazer joias, bijuterias como brincos, colares e pulseiras. O termo manteiga tem etimologia controversa. Houaiss (2009) diz que o vocábulo é pré-romano, provavelmente basco. “*Nós faz pesca lá. Pesca, tem o rio, [...] o capim, capim mantega, não tem em lugar nenhum, o capim. O bem mais mole, né*”.

² Para a descrição das lexias, utilizamos abreviaturas em relação à classe gramatical de cada palavra: v. verbo, s.f. substantivo feminino e s.m. substantivo masculino.

Flor (florzinha): s.f. Flor que fica na ponta da haste, onde fica a semente. A florzinha é responsável por sessenta por cento da reprodução da espécie. O termo provém do latim *flós, flóris*. “*Tem uma sementinha e uma florzinha. A gente, num dá pra percebê nem que é, é tipo uma florzinha mesmo, [...] a semente*”.

Flor do campo: s.f. Expressão utilizada pelo Povoado do Mumbuca para designar o pé de Capim Dourado. O termo ‘campo’ é proveniente do latim *campo*, expressão também conhecida pelos artesãos como “vereda”.

Haste: s.f. Fio do capim dourado produzido pela sapata. Desse fio que se faz o artesanato. Do latim *hasta, ae* 'toda arma que tem haste; qualquer objeto em forma de lança'. “*Aí tem a haste, que é dessa haste que faz o artesanato*”.

Jalapa: s.f. Nome da planta que deu origem ao nome Jalapão. A raiz da Jalapa é usada na mistura com a cachaça por habitantes da região. Houaiss (2001) e Nascentes (1955) informam que o termo é topônimo de *Jalapa (Xalapa)*, cidade do México, de onde provém a planta, pelo espanhol *jalapa* 'id.', abrev. de *raíz de Jalapa*.

Mandala: s.f. Peça de artesanato do capim dourado em forma de elipse, usada para enfeitar paredes ou para ser colocada no interior de mesas. Sua etimologia provém do sânscrito *mandala* 'círculo', or extensão 'linha fechada em círculo que simboliza o universo'. “*Mandala a gente faz até de um metro, vai, éh... uma mandalinha de um metro é trinta dia. É enorme, é bem grandona. Ali na associação tem uma. Elas usa, éh, de enfeite, centro de mesa... exclusivamente tem, éh, pessoas que vem de longe e encomenda nós pra fazê, pra colocá ni mesa de vidro*”.

Mandalinha: s.f. A mandala feita em tamanho menor.

Mumbuca: s.f. Nome dado à comunidade de artesãos, próximo a Mateiros. O nome originou-se de uma abelha chamada mumbuca, que constrói suas colmeias no chão. Há abundância dessa espécie de abelha na região. Do tupi *mu'mbuka* 'abelha da subfam. dos meliponíneos', com vogal variável na sílaba pretônica (HOUAISS, 2009). “*O que deu origem a esse nome foi uma abelha. Aqui tem uma abelha que chama Mumbuca. Ai o nome veio Mumbuca*”.

Olho do buriti: s.m. A folha mais nova do pé de buriti, ainda fechada. Desse olho é retirada a seda, linha usada na costura do artesanato. O termo ‘olho’ é oriundo do latim. *ocùlus, i* 'olho; objeto em forma de olho; gema, broto'. “*Usa, a seda do buriti, a seda do buriti, o olho do buriti. [...] É a florzinha que nasce, é aquela palha que nasce, é... a primeira palha da, do meio do buriti. Ai dá o olho. Ela sai fechado, aí depois ela abre*”.

Ouro do cerrado: s.m. Expressão utilizada pelos povos do Jalapão para designar o capim dourado, cuja venda representa a principal fonte de renda dos artesãos. Ouro é proveniente do latim *aurum, i* 'ouro; objeto de ouro'. “*É o ouro do cerrado. É, o capim dourado. Ele nasce, quando coloca o fogo, um ano p' o outro, aí ele nasce, ele vem. Ele vem tão lindo, ele vem. Não parece, né, de sê... do mato do cerrado não. Muitas pessoa diz: “Não, esse capim foi tingido, não?” Não, ele não foi tingido*”.

Pãozeira: s.f. Artesanato de capim dourado usado para servir pães à mesa. Pão + -z- + -eira. “*Faço é... brinco, bijouteria, pãozera, porta-panela...*”.

Pé (pezinho): s.m. Parte que fica embaixo do capim dourado, quando este ainda está na vereda. Em anatomia botânica nomeia o segmento da folha que a prende ao ramo ou tronco; pecíolo. Do latim. *pes, pèdis* 'pé'.

Roseta (rosetinha): s.f. O mesmo que pé (pezinho). A parte debaixo do capim dourado. Em morfologia botânica representa tipo de disposição em que as folhas se encontram muito juntas, imbricadas e em círculo, lembrando a das pétalas de uma rosa. *Rosa + -eta*. “É o roseta que tem. É o roseta. A sapata que nós fala. Ele fica verde até... verde... Aí ele vai mudando a cor, aí fica amarelo. Ficando amarelo, ficando amarelo. Em setembro já tá... bom pra colhê já”.

Sapata (sapatinha): s.f. A parte de baixo do capim dourado, que fixa a planta na terra. Nela são produzidas as hastes de capim. Cada pezinho produz uma média de duas hastes por ano. *Sapato* com troca de vogal temática. “*Sapatinha* significa raiz, né, porque não tem uma raiz pré-determinada igual das planta. Ele é bem... sub-levinho, pega só por baixo da terra”.

Seda: s.f. Fibra retirada da palha do buriti, usada na costura do artesanato do capim dourado. Remete à substância filamentosa e brilhante que constitui o casulo do bicho-da-seda ou fio feito com essa substância. Do latim *saeta* ou *séta*, ae 'seda, cerdas'. “Éh... é a... seda do buriti. É natural também. A seda do buriti a gente colhe também uma vez por ano. Não pode cortá, né. Se corta ni um mês, fazê dois, três mês sem cortá, [...].O olho do buriti ele nasce numa palmeira, [...] e pega uma faca e raspa e tira a seda”.

Suplá: s.m. Peça de artesanato do capim dourado redonda e mais tradicional entre os artesãos. Usada em

enfeites, para ser colocada sobre a mesa como apoio para panelas ou pratos. Do francês *sousplat* (pronuncia-se *suplá*), onde *sous* significa sob e *plat* significa prato. “*O suplá, que nós temos, que é o mais tradicional, que é o que mais as pessoas aprendem fazê, o mais fácil pra fazê, ele, em dois mil, era vinte e cinco contos, o suplá*”.

Trançado: s.m. Tipo de costura realizado com o capim dourado e a seda do buriti para dar forma ao artesanato. Particípio de *trançar*. “*Ela que fez o trançado, o chapéu, o baú, éh... essas coisinha que ela fazia. Mas foi ela mesmo. Inteligência da Laurinda, minha avó*”.

ANÁLISES DAS LEXIAS

Verificamos significativa quantidade de lexias coletadas foram citadas pelos informantes no diminutivo, como por exemplo: *mandalinha, pezinho, sapatinha*, dentre outras. A utilização dos formadores do diminutivo (-inha, -inho) pode evidenciar a visão que os artesãos têm do capim dourado, pois os diminutivos dão o aspecto frágil e delicado ao material. Ex.: *Rosetinha*: (-rosa) + (-eta) + (-inha). É importante destacar que linguistas (CHAMBERS, 2002) analisam a utilização de diminutivos e, segundo eles, trata-se de um aspecto típico do falar feminino. Dentro desse prisma, é relevante destacar que todos os informantes entrevistados eram mulheres.

As análises evidenciam um aspecto peculiar quanto a formação dos vocábulos descritos. Os informantes apropriam-se de palavras já conhecidas na língua, subtraem suas principais características e aplicam em seu vocabulário. Percebemos que na expressão *capim manteiga*, a característica da manteiga é atribuída ao capim, por ser frágil, liso e maleável. Outro exemplo está em *Ouro do cerrado*,

expressão na qual os falantes do povoado designam o capim dourado: “É o ouro do cerrado. É, o capim dourado. [...] Ele vem tão lindo, ele vem. Não parece, né, de sê... do mato do cerrado não”. Este que, por sua vez, assemelha-se ao ouro por sua preciosidade na região e possuir cor dourada.

Destacam-se a utilização de termos que se assemelham à estrutura humana, ou seja, termos que empregam processos metonímicos, tal como *cabecinha*, por estar na ponta do capim dourado e que nos faz lembrar uma cabeça. O mesmo pode ser visto nas palavras *sapata* (sapatinha) e *pezinho*, que ficam na parte de baixo do capim dourado, na qual fica fixa a haste do capim, partes que pela estrutura da planta, assemelham-se aos pés e sapatos.

Com a necessidade de se fornecer os nomes às peças de Capim Dourado, as artesãs utilizam termos como pãozeira, utensílio que serve para colocar pães: [pão] + [eira] e suplá, proveniente do francês *sousplat*, em que *sous* significa sob, e *plat* significa prato.

Decorre-se também a ocorrência de neologismos semânticos, tais como: cabecinha, capim manteiga, flor do campo, frito, olho do buriti, ouro do cerrado, pezinho e seda, uma vez que há apropriação de um termo já existente na língua portuguesa e é atribuído a ele um outro significado distinto.

AS CANTIGAS

No presente capítulo, apresentamos as cantigas típicas dos artesãos do capim dourado e algumas análises semânticas dos termos empregados em suas letras.

1.
Meu capim, meu capim dourado,
Que nasceu no campo sem ser semeado.

Foi meu amor que me disse assim,
Que a flor do campo é o meu capim!

Foi na Mumbuca que iniciou
Essa linda arte, como muito amor!

Foi Vó Miúda que nos ensinou
O seu capim dourado com muito amor!

2.
Visitante seja bem vindo!
Sua presença é um prazer.
Nós estamos com alegria!
A Mumbuca ama você!

Visitante seja bem vindo!
Sua presença é um prazer.
Nós estamos com alegria!
O Jalapão ama você!
O Jalapão ama você!

3.
Meus amigos eu vim aqui
Como foi da tradição. (2x)

Vim do povoado Mumbuca
Vim daqui do Jalapão (2x)

Pra você que não conhece
Então precisa conhecer. (2x)

Cachoeira e o Fervedouro
Você vai gostar de ver. (2x)

Tem também Capim Dourado
Que é daqui do Jalapão. (2x)

Desde o início do Mumbuca
Se espalhou pelo mundão. (2x)

4.
Violinha de vereda! (2x)
Violinha de vereda! Viola de buriti! (2x)
Quando eu toco essa viola, essa menina, é comum lembrar de ti. (2x)

Meu irmão fez uma viola da raspa do buriti. (2x)
Se um dia eu não encontrasse essa menina, meu irmão que tava aqui. (2x)

As meninas do Mumbuca fazem verso com o capim. (2x)
Ainda vou fazer um verso, essa menina, só procê lembrar de mim! (2x)

No léxico analisado houve, além das lexias coletadas, outros fatores que nos possibilitaram irmos mais adiante à análise do vocabulário. As letras das canções fazem menção ao universo conceitual da Comunidade, como podemos notar nas recorrentes palavras Capim Dourado, Buriti, Jalapão, Mumbuca e Vó Miúda. O termo "capim dourado" é uma lexia

complexa que pode ser vista em quase todas as cantigas; trata-se do "personagem principal" no momento da colheita que é realizada anualmente.

As músicas cantadas, em sua maioria, são paródias de outras músicas já existentes; os moradores as utilizam nos momentos de lazer, cultivo, extração e manuseio do capim dourado, muitas vezes, com o acompanhamento da viola de buriti. A maioria delas foi repassada, ao longo dos anos, pelos mais velhos aos mais novos, uma tradição do povoado.

Por meio das músicas, o artesão afirma a sua participação na comunidade e, conseqüentemente, o seu discurso. Utilizam as letras para recontar sua história, como, por exemplo, no trecho "*Meu capim, meu capim dourado/Que nasceu no campo sem ser semeado.*" Este trecho apresenta uma reiteração dos discursos coletados, pois todas as informantes não souberam explicar como surgiu o capim dourado. Quando questionados de onde vem o capim, uma das informantes respondeu: "Vem de Deus".

Algumas palavras observadas nas cantigas parecem soar diferente para quem não está acostumado a esse universo lexical. Outras, porém, são naturais, mas que demonstram a expressividade do povoado ao tratar do capim dourado, como se vê no trecho de uma das cantigas: "Foi meu amor que me disse assim, que a flor do campo é o meu capim". A lexia complexa "flor do campo" foi atribuída à planta na intenção de mostrar o valor e beleza do capim dourado, do mesmo modo em que "ouro do cerrado" é designado para representar a preciosidade e beleza do artesanato.

Basílio (1991, p. 7-8), ao tratar da formação das palavras, enfatiza: "Formamos uma palavra nova para poder utilizar o significado de uma palavra já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente". O uso de termos já existentes como "flor" e "campo" foram aproveitados pelos falantes criando assim uma nova expressão: flor-do-

campo. Portanto, não equivale a um neologismo fonológico, mas a um neologismo semântico, pois a lexia, apesar de ter significado diferente em outras regiões, refere-se aqui ao capim dourado, obtendo outro significado no contexto local.

Vale ressaltar que a prática das cantigas enquanto se trabalha pode ser característico de grupos minoritários para ritmar seus afazeres. Outro fator sobrevém de o ritmo melódico proceder de outras canções já conhecidas, como por exemplo, a música nº 2 – 'Visitante seja bem-vindo', oriunda de Corinhos Evangélicos. Frisamos que a Comunidade de Mumbuca tem apenas uma Igreja Evangélica e todos os moradores a frequentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é pura linguagem em movimento; expressões novas estão sempre surgindo e sendo repassadas por meio da cultura, das tradições e dos costumes. A linguagem é de extrema significação e, ao mesmo tempo, tão complexa, que nos permite viajar e conhecer as veias lexicais de um determinado povo, de certa comunidade.

Os vocábulos coletados no Povoado do Mumbuca mostraram-se singulares, representado por expressões que trouxeram ao nosso conhecimento a importância do léxico de um povo, que por meio de sua arte deixou sua marca linguística - um linguajar necessário à sua arte. Essas expressões surgiram do cultivo, extração e manuseio, sendo repassadas às comunidades vizinhas.

Portanto, por meio das pesquisas que são realizadas no intuito de conhecer o vocabulário de certa região, podemos não só apreciar a riqueza linguística que o cerca, mas, enxergar um povo através de uma janela social. Dar valor ao vocabulário de um povoado não é somente atribuir dados, mas, também,

conhecer os valores culturais que circundam entre os falantes, saber das necessidades que ali permeiam; são fatores que só contribuem para a riqueza regional.

Foram localizados neologismos, tais como neologismos semânticos, alguns termos já eram utilizados em outras épocas e são provenientes de outras línguas. Não foram encontradas palavras provenientes da língua xerente, há apenas termos vindo da língua tupi, como a maioria dos termos vinculados à botânica no Brasil.

É importante ressaltar que a comunidade é reconhecida como Remanescente Quilombola pela Fundação Palmares, entretanto, os dados e as consultadas em dicionários da língua não evidenciam qualquer aspecto que possa atrelar os termos descritos pelos informantes como provenientes de falantes de línguas africanas.

Em suma, o trabalho possibilitou um maior contato com a realidade dialetológica do Tocantins, por meio das pesquisas acadêmicas, científicas e *in loco*. Pudemos com isso nos aproximar do universo linguístico dos jalapoeiros, do seu falar, da sua cultura.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p.33-51.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1991.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. A ciência da Lexicografia. **Alfa**, São Paulo, (28 supl.), 1984, p. 1-26.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28(supl.), 1984, p. 135-144.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. Léxico e Vocabulário Fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40, 1996, p. 27-46.

BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, (28 supl.), 1984, p. 27-43.

CHAMBERS, J.K. Patterns of Variation including Change. **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 349-372.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRUBEL, Auri C. M.; Isquerdo, Aparecida N. (2004): Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. In: Isquerdo, Aparecida N.; Krieger, Maria da Graça (Orgs.). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia - volume II**. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 153-174.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e Ensino do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva: 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p.91-108.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Evandro Silva. A neologia na literatura: a criação Milloriana. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 53-64.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: 1955.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra, Livraria Almedina, 1994.